

No Galuth : A Crise Sionista do Movimento

FOI EM 1952, quando o movimento, através de seus grupos em Israel, se preparava já para seu estabelecimento num *kibutz* próprio, que a parte da organização na Golá sofreu a pior crise de sua existência: a crise do sionismo. De dentro do movimento ergueram-se opiniões propondo a mudança da orientação política do movimento, sua transformação em movimento socialista local, porque “*o sionismo não é solução política para o problema judeu*”.

Quando hoje reexaminamos tôda a discussão havida, há que, honestamente, concluir uma verdade: não se tratava de uma opinião pessoal, nem de algo repentino. Era produto sim, de um caminho errado que o movimento vinha seguindo, há meses e meses já.

PRELÚDIOS

SEU PANO de fundo último foi a própria coletividade da qual éramos produto. Como já se disse anteriormente, a onda de entusiasmo e interesse sionista baixara rapidamente, após 1948. Pouco depois, falar em *aliá*, em *kibutz*, em Israel, tornara-se estranho e utópico. Influência educativa por parte de Israel, naqueles anos difíceis de consolidação do Estado, não havia, nem sobre o movimento, nem sobre a coletividade. Para esta, que por posição sociológica tinha uma atitude inteiramente passiva perante o sionismo e os valores da nacionalidade, tal situação fazia-a seguir o caminho natural de seus interesses imediatos, econômicos e sociais, todos ligados à terra onde vivia. Para o movimento, porém, que possuía uma posição ativa, que existia para realizar sionismo, o vácuo nacional do meio-ambiente de onde provinham seus *chaverim*, a falta de contacto com Israel, criavam um gradual vazio de valores nacionais.

Pouco a pouco fomos nos desequilibrando, um processo sutil, não percebido a tempo. Afinal, possuíamos um movimento bem organi-

zado e centralizado, nossos companheiros haviam largado os estudos, dispúnhamos de um número razoável de militantes e ativistas, o que nos permitia tirar *chaverim* dos setores mais fortes e enviá-los aos setores mais fracos para longos períodos de trabalho, havia um bom grupo na *hachshará* e já se preparava outro, existia uma preocupação cultural e ideológica constante, e mesmo que nela sentíssemos certo vazio, era questão de preparar melhor estas atividades, e pronto.

Mas sem que percebéssemos, nossas preocupações ideológicas detinham-se constantemente em problemas sociais, no destino do movimento socialista mundial, conhecíamos a história e as características dos principais partidos de esquerda, aprofundamos nossos conhecimentos sôbre as diferenças entre comunismo e socialismo. Acompanhávamos diàriamente o jogo diplomático internacional, procurando perceber nele as tendências para o fortalecimento das forças esquerdistas democráticas do mundo. Em nossas concepções educativas, cada vez mais tínhamos a dizer sôbre a concepção socialista da vida, a diferença entre mentalidade burguesa e proletária, e cada vez menos sôbre o sionismo, os valores e problemas materiais e culturais de nosso povo.

A CRISE

ESTA tendência foi-se desenvolvendo até o instante em que eclodiu. Um dos mais importantes companheiros da direção nacional do movimento propôs nossa transformação em juventude socialista local, já que “o sionismo não é uma solução política para o problema judeu”.

Segundo seu ponto de vista, a análise da história judaica dos tempos modernos levava a duas conclusões:

1) De que o sionismo realizador, *chalutziano*, a *aliá* por convicção, era realizada apenas por uma insignificante minoria de idealistas, dignos de muito respeito, mas que eram, justamente, apenas uma minoria insignificante.

2) De que a grande maioria dos judeus não fazem *aliá*, porque assim não convém aos seus interesses imediatos. O sionismo, no mundo de hoje, não passa do filantropismo, mesmo após tudo que aconteceu, mesmo após a catástrofe do judaísmo europeu e a criação

do Estado de Israel. Os judeus só farão *aliá* por pressão muito forte, e mesmo aí, apenas no último instante. E a experiência nazista provou que o último instante é já a câmara de gás, e não a *aliá*.

Conclusão: Se o sionismo não consegue responder às necessidades da grande maioria dos judeus, se não consegue salvá-los, então o sionismo não representa uma solução política para o problema judeu.

Em que visão histórica mais ampla fundamentava-se sua afirmação? As bases de análise do problema judeu, do ponto de vista mais científico, continuavam comuns. Criámos ambos na demonstração de Borochoy, de que por um processo imanente, infalível, o povo judeu teria de chegar à concentração nacional. Ocupando uma posição instável no seio da sociedade capitalista, o primeiro sinal de saturação econômica faria com que a concorrência procurasse expulsar de suas posições o elemento mais fraco, no caso os judeus, uma minoria diferente, facilmente perceptíveis como corpo estranho na organização normal de um povo normal. Procurariam outras terras; mas o processo de produção capitalista sempre terminaria por ocasionar a mesma situação em que o elemento estranho seria afastado do mercado concorrente. Duas soluções restavam: uma, a assimilação, que Borochoy rejeitava, “pois nenhum povo se suicida”. Outra, a concentração territorial, a obtenção da *condição de produção*; isto seria, a terra, a base territorial, para desenvolver uma vida de povo normal, meta à qual imanentemente, inevitavelmente, teria que chegar o povo judeu. E a terra seria Eretz Israel, porque tratava-se da base, da infra-estrutura, onde se haviam criado e desenvolvido os fundamentos de toda a supra-estrutura cultural, espiritual, religiosa — nacional, enfim — que caracterizara o povo judaico na Diáspora.

Até aí, estávamos de acôrdo. Onde a diferença? É que esta análise estava certa no seu tempo — ao ver da opinião anti-sionista —, nas condições em que vivia e se desenvolvia o capitalismo nos inícios do século. Em nossos dias, porém, a crise do capitalismo possui um ritmo diferente, muito mais violento; seus espasmos de defesa manifestam-se sob formas desconhecidas ao tempo de Borochoy, o imperialismo agressivo, o facismo totalitário. A estatalização do anti-semitismo, como vimos com Hitler, pode causar a destruição de milhões de judeus, antes que êles queiram, ou mais tarde, antes

que possam emigrar. O judeu não irá à *aliá*, a não ser sob pressão muito forte; os judeus alemães são um exemplo disso. Mas pressão muito forte, em nosso tempos, significa morte.

Portanto, nas condições de nossa época, o sionismo não representava solução para o problema judeu, já que não evitava sua destruição. Que soluções restam? Assimilação? Quem crê em assimilação depois que os nazistas procuraram judeus entre os antepassados de cada alemão? Morte nas câmaras de gás? Nenhum homem quer morrer. Uma única solução resta: a luta pelo socialismo. Numa sociedade baseada em princípios e relações econômicas diferentes, em que não exista concorrência, nem super-produção, permitir-se-á que os homens de tôdas as minorias nacionais, religiosas, raciais, vivam em paz. Que será então do povo judeu? Desaparecida sua condição de povo-classe, êle certamente se assimilaria, nos lugares em que se encontrasse. Mas isso não possui importância. No fundo, o próprio sionismo, a *aliá* para Israel, e o estabelecimento nas condições normais do Estado não significa também, de uma forma especial, assimilação?

* * *

Se a crise nos abalou muito, os argumentos nos impressionaram bem menos. Sabido é que não somos o primeiro movimento *chalutziano*, e não seremos o último também, a atravessar uma crise de descrença no sionismo. Todos aquêles que pertenceram aos movimentos juvenis de antigamente, sabem como nos grandes movimentos *chalutzianos* da Europa se produziam, periòdicamente, tais cisões. Quer antes da revolução russa, quer depois, nos tempos de ouro do comunismo, nos lustros após a revolução, o comunismo e a socialismo cobraram sempre pesado tributo aos movimentos *chalutzianos*.

Mas, na realidade, trata-se e tratou-se sempre de uma crise individual, e, no fundo, estéril: nunca conseguiram os que se desviaram do caminho da solução nacional própria, formar com suas idéias um movimento, um partido, uma ala. Mesmo o Bund, fenômeno dos primórdios do século, cedo decaiu por vazio ideológico, por ausência de conteúdo vivo — e foi, por sua vez, o campo de onde os movimentos *chalutzianos* trouxeram excelentes fôrças. Os fugitivos individuais se escondiam entre povos e classes; nem povos, nem classes, os aceitavam. O problema judeu continuava tão de pé como antes, e dentro do problema judeu, êles — como antes também.

NOSSA RESPOSTA

A RAIZ verdadeira destas crises, há que apontá-la claramente: elas nunca começam pelo sionismo, pelo comunismo, pelo socialismo. A argumentação talvez, mas a crise não. A crise começa pela nacionalidade. É preciso reduzir a nacionalidade à ordem de fator ideológico a mais ou a menos, ignorar ou desconsiderar o grande fruto — o mais belo e profundo movimento de renovação nacional e humana de nosso tempo — que a nacionalidade produziu e produziu exatamente sob o impacto de tôdas as condições de nossa época. Sionismo não possui valor independente, não passa de instrumento de realização da nacionalidade. E se a nacionalidade é verdadeira, então a discussão sôbre o instrumento é diletante, porque êle será verdadeiro também.

Ou, como diria um materialista histórico, a eclosão do movimento sionista representa, no processo dialético, a síntese do choque entre a situação sociológica do povo e a pressão à que está êle submetido em nosso tempo. Todos os ingredientes estão claros: a síntese nega tanto sua tese como sua antítese, mas é produto de ambas. O sionismo, portanto, situa-se num plano histórico inteiramente diferente, é incolocável, por condição dialética, na mesma pauta de considerações sôbre as soluções para o problema judeu que o socialismo e a assimilação.

E isso tudo passamos a demonstrar. Duas coisas há com as quais estávamos de acôrdo:

1) De que *chalutzit*, sionismo voluntário realizador, é via de regra, ou que seja, é sempre, feito por pequenos grupos idealistas.

2) De que a massa judaica da Golá, em sua maior parte, ou que seja, tôda ela, não possui consciência sionista verdadeira, que seu sionismo é filantrópico.

Concordamos até com a metade de uma terceira afirmação: de que Borochof não podia prever as condições de nossa época, em que o perigo de desaparecer na voragem do anti-semitismo estatal, facista, é uma ameaça constante sôbre nosso povo.

Mas aí param nossas concordâncias. Porque há um outro fator que Borochof não previu também: o Estado de Israel. Israel não é nenhum acaso: o Estado é tão produto das convulsões da época como o facismo estatal. A própria pressão da situação judaica foi um fator fundamental em sua criação. Continuássemos no calmo

situacionismo da época de Borochoy, e talvez estivéssemos longe ainda da autonomia estatal. Pois todo movimento histórico verdadeiro sabe dar as respostas necessárias aos problemas da época em que vive. Ao drástico perigo do facismo, deu nosso povo uma resposta igualmente drástica: o Estado.

Pode-se negar o poder de ação do Estado? Não foi o hitlerismo o mais recente movimento anti-semita de nosso tempo. Dê-lo pouco se fala — porque foi evitado. Foi quando Israel arrancou populações inteiras de países árabes, à beira da chacina. E se foi êle capaz de realizá-lo, exausto de uma guerra, desorganizado ainda, sem recursos, e mesmo assim, carregar o peso de uma população duplicada, o que não será êle capaz agora, ativo, organizado, a caminho da estabilização econômica?

Seja, que o judeu da *golá* só venha à *aliá* no último momento, por interesse e não por consciência, por não ter para onde ir, por ser esta a única porta aberta. Faremos o possível para que haja razões mais positivas para sua vinda, mas se não houver, não tem importância. Um movimento político não começa em aspirações espirituais ou culturais, se bem que elas devam acompanhá-lo. Um movimento político começa em necessidades materiais. E quando as necessidades materiais vierem, virão os judeus. E não apenas as portas do Estado estarão abertas, mas pelas portas abertas sairão longos braços para buscá-los, em todos os recantos da Diáspora. É para isso mesmo que existe o Estado.

E para completar nosso debate, há um argumento que ainda permaneceria de pé: de duas formas poder-se-ia resolver o problema judeu: através do Estado, ou através do socialismo.

Não concordamos. Não só porque mesmo Borochoy disse acertadamente que “uma nacionalidade não se suicida”, e se os judeus tivessem que escolher entre socialismo e nacionalidade, escolheriam nacionalidade. Mas por uma razão muito mais simples: porque o Estado é uma realidade, e o socialismo uma aspiração. E a realidade, o Estado, já soube resolver problemas de diásporas judaicas inteiras, enquanto que os representantes da aspiração, os partidos socialistas, ou quem assim achar, os comunistas, não conseguiram fazer nada de prático ou concreto, durante uma que fosse das chacinas de judeus dos tempos modernos.

Sensato é supôr que Borochoy não criou o processo imanente, mas apenas o compreendeu na trajetória de nosso povo, e êle continua

verdadeiro, apenas em condições, portanto com elementos, diversos. Sensato é supôr-se, também, que os ideólogos anti-sionistas não decretam a assimilação de nosso povo numa nova sociedade, ou sua destruição, mas julgam também encontrá-la na trajetória de nosso povo. A diferença entre ambos está em que esta trajetória, os segundos não a conseguiram compreender.

* * *

Pela gravidade do assunto, e para fortificar a reação do movimento contra tal tendência interna, reunimos num grande encontro todos os companheiros já em idade de compreender e participar na discussão. O companheiro que negava o sionismo teve oportunidade de expôr pessoalmente suas idéias. Os demais, as suas. Terminada a reunião, ficou claro que êle se retirava da organização. Há a dizer que praticamente êle se retirou sozinho, sem conseguir abalar o movimento.

A REAÇÃO

NUMA longa análise auto-crítica fez o movimento um completo restudo de suas diretrizes de pensamento e trabalho, e mudou inteiramente sua orientação; nos meses que se seguiram iniciamos lentamente a volta para o sionismo, processo que não se cumpre através duma resolução, mas pela atividade de semanas e meses.

Após o encerramento da discussão, quando da auto-crítica procuramos extrair as lições para o trabalho futuro, definiram-se duas tendências na direção nacional do movimento: uma propondo lançar-nos, em nossa atividade, inteiramente para fora, numa intensa campanha de proselitismo de companheiros mais velhos, para enriquecer nossos quadros mais adultos e renovar desta forma o movimento; a outra propunha a concentração de nossas fôrças para dentro, no fortalecimento de nossa estrutura e metodologia educativa, organização de melhores programas e trabalho de proselitismo com companheiros mais jovens também, visando através disso solidificar o movimento.

Na realidade, ambas as orientações estavam certas, mas cada uma no devido tempo. Lançar-se para fora representava a fórmula política melhor após a crise sionista, pois além de trazer novos membros,

revivificava o movimento, arrancava-o do marasmo em que caíra, pois apesar de salva nossa convicção sionista, tivera a crise um efeito profundamente deprimente. A segunda orientação, de trabalho interno, aperfeiçoamento educativo, proselitismo também com mais jovens, ela viria com o próprio tempo, transformar-se-ia na forma normal do trabalho.

O MOVIMENTO EM NOSSOS DIAS

VIVE o movimento na Golá, hoje em dia, tempos normais, mesmo que não fáceis. É já um movimento que atravessou tôdas as crises de crescimento, e mesmo algumas de maturidade. Hoje o trabalho já se planifica por períodos largos, de anos, sem que novas situações internas perturbem profundamente êste ritmo normal.

Porque nos primeiros nove anos de movimento, cada ano, cada congresso anual, marcava uma etapa de crescimento diferente. O primeiro congresso fora o da fundação do movimento; o segundo, quando se criara a *hachshará*; no terceiro fixaram-se as bases organizacionais e educativas; o quarto, realizara-se após o abandono dos estudos e a criação das equipes de militantes integrais. O quinto, quando nossos grupos em Israel haviam saído para seu estabelecimento definitivo, foi o congresso de Bror Chail. Aí terminou o ciclo de crescimento do movimento, exatamente quando seus grupos em Israel encontraram sua casa definitiva.

Logo houve a união com o Gordônia, que não foi muito marcante pois, no Brasil, o Gordônia era um movimento muito pequeno. Fundado em época tardia, de crise sionista, teve de enfrentar grandes dificuldades para se estabelecer. Possuía dois centros pequenos em S. Paulo e Rio. Era dirigido por enviados e educadores da *Sochnut*. A situação anômala de dois movimentos separados com orientações tão próximas entre si foi resolvida com a sua união, em fins de 1952.

O que marcou esta época muito mais, foi a crise sionista — já uma crise de maturidade do movimento.

Outrora, pois, em cada período modificava-se as diretrizes de trabalho. O movimento com *Hachshará* era diferente do sem, e nosso aspecto depois do abandono dos estudos mudara radicalmente, em relação a antes. Daí que planos de trabalho, valores educativos, alvos de propaganda externa, tudo mudava de vez para vez.

Hoje, nossa ação planifica-se por períodos bem mais largos, e isto nossos métodos e programas de trabalho refletem. Devem ser formas mais fixas, mais duradouras, programas educativos bem elaborados, ricos em conteúdo e valor formador, que acompanhem educandos deste a idade mais jovem com a qual o movimento trabalha, até sua aliá. O máximo de contato com Israel e Bror Chail, pela participação de educadores do movimento em cursos anuais no país, pelo envio de companheiros de Bror Chail para trabalho no movimento, por programas e atividades que liguem nossos jovens ao país e suas instituições.

E no fim dêstes anos, torna o movimento à forma normal: crescendo de baixo para cima, dos mais jovens para os mais velhos. O proselitismo com os jovens de mais idade continua sendo feito constantemente, como afirmação de crença nos nossos valores e no anseio de trazer para nossas fileiras a juventude formada fora dêle. A base do movimento, porém, são seus educandos normais, que atravessam durante oito, dez anos todas nossas etapas educativas, preparando-se para as tarefas que o movimento programou para si.